



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO VII - Nº. 74

Arcanjo da Estação Outono: MIGUEL

Maio 2009

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

Os órgãos necessários a clarividência consciente e os graus de desenvolvimento

Nosso principal objetivo vai ser o de estudar a sabedoria do mundo oriental, esse antigo tesouro da humanidade e de projetar sobre ela a luz que nasce do impulso do Cristo e da sabedoria que apareceu no decorrer dos séculos, no mundo ocidental.

Para que a ciência espiritual seja viva, é preciso que não seja o simples resumo de todos os sistemas e de todas as opiniões professadas até hoje sobre os mundos espirituais. O seu ensinamento deve compreender tudo aquilo que, em nossa época atual, podemos conhecer da natureza desses mundos.

Ao foi somente nos tempos antigos que houve homens capazes de contemplar as realidades do espírito tal como vemos as do mundo exterior. Sempre existiram e existem ainda hoje homens assim.

O papel da humanidade nunca foi o de se dedicar exclusivamente ao estudo das verdades transmitidas, da mesma forma que não lhe é feita a imposição de ir procurar o ensinamento adequado a uma determinada época num lugar especial da terra.

A fonte da sabedoria e do conhecimento

supremo pode fluir por sobre toda a terra e seria irracional ensinar-se hoje matemática e geografia unicamente segundo documentos da antiguidade, assim como é pouco recomendável, no que concerne a sabedoria superior dos mundos espirituais, estudá-la apenas sob a forma antiga que a História nos transmite.

Eis porque vamos tentar nos aproximar diretamente das realidades supra-sensíveis, entrar em contato tanto com o que já conhecemos, quanto com o que nos é ainda totalmente desconhecido. E só depois disso nos perguntaremos: Que disseram sobre essas questões os homens de outrora? Trataremos, portanto, primeiro da sabedoria ocidental, para estudarmos, em seguida a relação em que ela se encontra com a sabedoria oriental.

Por várias vezes tenho insistido num ponto essencial, é que o conhecimento das coisas supra-sensíveis possa sempre ser aceito pela razão daqueles a quem é transmitido. Sem dúvida uma razão absolutamente livre de antolhos é causa bem rara hoje em dia. Pode-se enfim ser encontrada a quem possui esse simples bom senso, podendo seguir perfeitamente todos os resultados a que conduz ciência espiritual.

É verdade que os fatos do mundo espiritual só podem ser observados com o auxílio da clarividência e por homens que se tenham exercitado nesse método de investigação.

Os clarividentes, os iniciados se encontram em ligação com seres que, relativamente ao

homem, podem ser chamados de espíritos ou deuses. É preciso chegar a esse ponto para podermos fazer investigações espirituais.

A primeira condição necessária para se alcançar isso é evidentemente a faculdade de ver, de conhecer, de fazer experiências sem o concurso dos sentidos exteriores, não somente dos olhos e ouvidos físicos, mas também do instrumento de que se serve nossa inteligência, o cérebro.

É tão impossível compreender o mundo espiritual com essa espécie de inteligência que está ligada ao instrumento físico do cérebro, como perceber esse mundo com os olhos e ouvidos físicos.

É preciso que nos libertemos de toda atividade sensível e cerebral.

Já sabeis que em nossa vida normal passamos por um estado que nos põe fora do corpo físico, é o sono. Dos quatro elementos que constituem a natureza humana, o corpo físico, o corpo etérico, o corpo mental e "eu", os dois últimos, o corpo astral e "eu", se libertam dos outros dois. Durante o estado de vigília, esses quatro elementos estão intimamente unidos entre si.

Durante o sono, os corpos físicos e etéricos permanecem ligados, enquanto o corpo astral e o "eu" passam a outro mundo. No curso normal da vida, o homem se acha, portanto, mergulhado num estado em que seu "eu" é independente de seu instrumento físico, deve-se, porém pagar essa libertação com um obscurecimento da consciência, esta nada vê do mundo onde vive o "eu" durante o sono.

Os órgãos de que o homem tem necessidade para perceber os mundos espirituais onde vivem, à noite, seu corpo astral e seu "eu", devem por consequência, se desenvolver no próprio âmago do corpo astral e do "eu". E a diferença que existe entre o homem normal atual e os clarividentes e o "eu" é que, nos primeiros o corpo astral e o "eu" não possuem órgãos de percepção direta ao passo que o clarividente possui sentidos espirituais, da

mesma forma que tem os olhos e ouvidos físicos.

O primeiro trabalho de quem se quiser tornar clarividente será, portanto, o de formar em seu corpo astral e no seu "eu" olhos e ouvidos espirituais.

Mas isso não é tudo. Suponhamos que, com o auxílio dos meios que indicaremos em poucas palavras, possa alguém dotar seu corpo astral e o seu "eu" de órgãos espirituais, ficaria possuindo um corpo astral organizado, entretanto, nada poderia perceber ainda do mundo espiritual ou, pelo menos, não lhe seria possível atingir a certos graus de visão.

É preciso, então adquirir mais alguma coisa.

Se, em nossas condições atuais, um homem deseja elevar-se a clarividência, será necessário não só que os órgãos espirituais estejam plasticamente formados no corpo astral, mas, ainda que eles se imprimam no corpo etérico, tal como no lacre se imprime um sinete.

A verdadeira clarividência consciente não começa senão quando os órgãos formados no corpo astral se imprimem no corpo etérico.

Para que haja clarividência, o corpo etérico deve colaborar com o corpo astral e com o "eu"; só o corpo físico permanece inativo, assim mesmo, porém, lhe compete, uma vez feita à experiência espiritual, colocar-se em harmonia com o conhecimento dela resultante, e com a experiência por ele adquirida em meio dos sentimentos e do cérebro.

Para o corpo etérico, a dificuldade de colaborar nessa obra é maior do que para o corpo astral. O corpo astral e o "eu" estão, poder-se-á dizer, na posição privilegiada de se libertarem uma vez por dia do corpo físico. Enquanto estão nesse corpo, dependem dele, que os arrasta e impede que desenvolvam seus próprios órgãos. O corpo astral e o "eu" são de essência sutil, em virtude de sua própria plasticidade, sofrem a ação do corpo físico em cuja impressão recebem. Por

isso as influências físicas no homem normal, nele se prolongam mesmo durante o sono.

E não é senão por meios especiais que podemos libertar o corpo astral e o “eu” dos efeitos persistentes do corpo físico, de tal modo que não sofram mais durante o sono a pressão do corpo físico, mas retomem sua própria elasticidade.

Os exercícios preparatórios consistem, sobretudo, num treinamento das atividades da alma e do espírito durante o estado de vigília, de tal sorte que, libertos do corpo etérico, e os dois outros elementos fiquem sob a influência do que foi neles preparado por exercícios especiais.

Examinemos dois casos e, em primeiro lugar, o do homem normal que se abandona durante o dia as impressões do mundo exterior, a tudo o que lhe atinge os sentidos ou a inteligência. Quando adormece, o seu corpo astral sofre a reação de todas as impressões recebidas no decorrer do dia, e conserva a elasticidade do corpo físico, mas não a sua.

Coisa completamente diversa sucede no caso de uma pessoa que tenha preparado a alma pela meditação, pela concentração e pelos outros exercícios que elevam até ao conhecimento superior. Fazendo-se abstrações do que o mundo exterior dizia a seus sentidos e a sua inteligência, ela se entregou, fosse apenas por um momento, ao que nos vem dos mundos espirituais, seu corpo astral sentirá os efeitos dessa prática, obedecerá, durante o sono, a uma outra elasticidade que não a do corpo físico. Toda ciência que o homem adquiriu durante séculos nos exercícios de meditação e concentração, pode ser assim aplicada a esse trabalho preparatório que se faz no estado de vigília, e graças ao qual o corpo astral se organiza.

Esses exercícios não são inventados ao acaso, são o resultado de um trabalho espiritual escrupulosamente realizado pelos que os prescrevem. Sabe-se que seu efeito sobre a alma é tal que nela despertam os sentimentos e os pensamentos supra-sensíveis. Se esses exercícios são falsos ou mal prati-

cados, as conseqüências não deixam de aparecer, são então formas anormais (poder-se-ia dizer contra a natureza) que se elaboram no corpo astral. Porque infringiram a ordem do universo. Seria o mesmo que em nosso corpo físico se desenvolvessem órgãos sensíveis que não pudessem perceber verdadeiramente o som, ver realmente a luz, cessando, assim, de estarem em harmonia com o mundo exterior.

A meditação e a consciência mal compreendidas podem colocar o homem, por seu corpo astral e seu “eu”, em contradição com o universo. Ao invés do possuir órgãos capazes de refletir a luz espiritual, ele não recebe senão impressões que, longe de o estimularem, impedem-no de pensar e o destroem.

O mundo das realidades espirituais pode estimular o homem ao mais alto ponto, como pode também paralisá-lo, segundo o modo pelo qual este entre em relação com aquele. Peço-vos notar bem este ponto, ao qual teremos de voltar depois. Suponhamos que um homem, que tenha um corpo astral mal organizado, entre em contato com o mundo espiritual. Este o encheria, torná-lo-ia rico de segredos do universo, se funcionasse corretamente; destrói-lhe, ao contrário, a alma e o empobrece, se seus órgãos são falsos. O mesmo mundo pode transportar a alma até aos mais altos cimos ou, então, paralisá-la; se a alma estiver bem preparada para o recebimento, agirá sobre ela como estimulante; retarda, por outro lado, aquela cuja preparação é má.

Este fato nos abre horizontes sobre o problema do bem e do mal. Do princípio fecundante ou destrutivo no universo. Dele se pode deduzir que a impressão que nos causam os seres e as coisas do mundo exterior e espiritual não constitui um critério para julgar essas coisas e esses seres em si mesmos. Segundo o ângulo sob o qual o abordamos, o mesmo ser poderá agir sobre nós como deus ou como demônio.

Acabamos de ver, então como o corpo astral e o “eu” devem se preparar para a clarivi-

dência. E insistimos no fato de ter o homem, num certo sentido, o privilegio de poder, ao menos uma vez por dia, destacar seus elementos mais sutis de seu envolvimento físico e etérico.

Quando ao corpo etérico permanece unido ao corpo físico. Só no momento da morte é que ele se retira com o corpo astral e o “eu”. Nesse momento em que o homem é libertado da ação dos sentidos e do cérebro, o corpo etérico, o corpo astral e o “eu” se unem, enfim, fora de todo elemento físico. É por isso que, por um curto tempo, a princípio, o homem, no momento da morte, se torna clarividente para tudo o que diz respeito à sua vida passada. Para obter a clarividência completa é preciso, portanto, realizar a união que não se faz normalmente senão na ocasião da morte. O corpo etérico deve ser libertado da dependência em que se encontra habitualmente; deve chegar a por em ação, por sua vez, sua própria elasticidade, como fez o corpo astral. Não chega a isso senão por meio de exercícios mais intensos, mais enérgicos, mais elevados, de certo modo. Podeis compreender, já, segundo o que acaba de ser dito, qual deve ser o resultado dessa dependência do corpo etérico.

Normalmente é apenas no momento da morte que o “eu”, o corpo astral e o corpo etérico podem agir em comum, independentemente do corpo físico. A consciência clarividente realiza, portanto, um estado que o homem só conhece, ordinariamente, no instante da morte, quando se liberta de seu corpo físico. (continuará)

Gnose dezembro de 1938

Os Talismãs (continuação)

C. W. Leadbeater

As vibrações que se relacionam com as bagas de “rudraksha”, especialmente quando começam a desabrochar, torna-as extraordinariamente aptas para serem magnetizadas e servirem assim nos casos em que se faz necessário manter um pensamento elevado ou uma meditação e seja mister afastar

toda a classe de influencias malélicas.

As contas de um rosário feitas de bagas de “tulsī” são outro exemplo do que acabo de assegurar, embora as suas irradiações sejam distintas das irradiações da primeira.

Uma série muito interessante de talismãs naturais são os que despedem perfume. O incenso ocupa lugar proeminente entre os desta qualidade, porque as essências das quais se compõem foram escolhidas de acordo com as irradiações que emanam e que são e que são favoráveis aos pensamentos espirituais e devocionais, sendo absolutamente contrárias das vibrações de moléstias e preocupações.

Porém, assim como se prepara esta, pode-se, também, preparar outra mistura cujos efeitos são opostos; esta espécie de incenso era empregada pelas bruxas na Idade Média e nos tempos atuais e cerimônias satânicas.

Pode-se aconselhar em termos gerais que é conveniente abolir perfumes fortes, como por exemplo, o musgo, porque muitos destes aromas estão em harmonia com as vibrações de emoções sensuais de várias classes.

Um objeto preparado pra outros fins pode ter a força de um talismã.

Um presente recebido de uma pessoa a quem votamos afetos e trazemos constantemente conosco, serve de lembrança da pessoa que nos fez o presente e esta lembrança impedirá muitas vezes a prática de atos, pois o que recebeu a dádiva não se atreveria a praticar ante a pessoa estimada.

Ouvi contar inúmeros casos em que homens que traziam consigo um anel ou uma corrente, oferecidos pelas respectivas progenitoras, deixaram de cometer atos indignos ou pecaminosos, porque justamente no momento em que iam ceder tentação, seus olhos fixaram-se nesses objetos e as lembranças dessas pessoas caras os apresentou tão intimamente ligados, que os obrigou a desistirem do pernicioso intento. Continua.....